

Bons tempos de real forte

Tina Evaristo

Da equipe do **Correio**

O mês de julho de 1994 tem um significado especial para o Brasil. Além da suada conquista do tetracampeonato de futebol, nos pênaltis, o povo viu o inimaginável ocorrer. De repente, o dinheiro brasileiro valia mais que o norte-americano. No dia 29, era necessário R\$ 0,9380 para comprar um dólar, um verdadeiro milagre econômico. Tudo obra do Plano Real. Logo na chegada da moeda de primeiro mundo, Luiz Inácio Lula da Silva, o candidato do PT às eleições presidenciais, despontava na preferência do eleitor. Mas começou a perder terreno para o adversário governista.

O pai do plano e candidato, Fernando Henrique Cardoso (PSDB), não havia somente acabado com a alta desenfreada dos preços, mas propiciado privilégios antes impensáveis a classes menos favorecidas, como viagem à Disney, carro novo, iogurte e dentadura. A partir daquele mês, o país entrou num período de inflação zero e alto consumo. Os preços, que antes subiam dia após dia, passaram a cair. E foi a confiança na moeda forte que o levou ao Palácio do Planalto. "Era uma época de grandes esperanças. Afinal, ele havia curado o mal que afligia o povo: a inflação", avalia Jayme Ghitnick, consultor independente.

- Ao longo de oito anos, o real sofreu alguns baques. "Primeiro, foi a crise mexicana, em dezembro de 1994, depois a asiática, desencadeada em 1997 e a russa, em 1998", lembra Enrique Saravia, professor da Escola Brasileira de Administração Pública e Empresas (Ebape). O Brasil não ficou de fora da ciranda de perdas.
- No mês de janeiro de 1999, a obra-prima de Fernando Henrique começa a perder o brilho. O Banco Central adota o câmbio flutuante e o dólar volta a subir.
- "O câmbio flutuante é, com certeza, um amortecedor dos choques externos,

mas países como o Brasil não suportam uma flutuação acirrada devido a problemas de credibilidade", avalia Eduardo Felipe Ohana, professor da Fundação Getúlio Vargas. E foram esses tais problemas de credibilidade que levaram o dólar a fechar em R\$ 3,30, ontem. As eleições estão na lista dos agravantes. "Os candidatos que estão à frente nas pesquisas, fizeram seus currículos políticos criticando o sistema financeiro. Os investidores olham para esse cenário e preferem ficar de fora do mercado", explica Ohana.

Hoje, apesar de também ter ganho a Copa e Lula liderar nas pesquisas, o Brasil, ao contrário de 1994, está diante de um futuro incerto. A disparada da moeda norte-americana complica a situação das empresas que captaram no exterior. A insegurança reduz os investimentos nos setores produtivos, fato que aumenta o desemprego e inibe o consumo. "Além disso, um terço da dívida interna está atrelada ao dólar. Toda vez que a moeda estrangeira subir, a dívida, hoje em R\$ 1 trilhão, também aumenta", lembra Ghitnick.